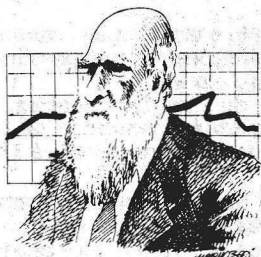


Paulo Bertran 13 JUL 1986

# Do Darwinismo econômico

JORNAL DE BRASIL

Beon-Brasil



O Brasil está saindo da crise com suas economias regionais em frangalhos, com excessão talvez da paulista.

Perversamente, os mecanismos embutidos na recessão forçaram a aglutinação de atividades naquela região que já era mais forte, num cruel processo de darwinismo econômico em favor do polo industrial paulista. De fato, com a crise externa de

1982 o parque de S. Paulo foi agil o bastante (em boa parte devido sua elevada concentração de empresas multinacionais) para converter-se em polo exportador, poupando-se aos dramas de um mercado interno pauperizado e vitimado pela inflação galopante.

Pelo mesmo processo salvaram-se alguns setores exportadores das economias periféricas a São Paulo e algumas outras frações rurais dedicadas às culturas exportáveis de soja, café e citricos, em Minas, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e pouca coisa mais. Enquanto isso a mecanização agrícola estacionou numa frota rural envelhecida, coadjuvada por um crescente batalhão de bóias-frias, este sim engrossado, por estranho que pareça, pela crise urbana da Economia.

É, no entanto, no setor urbano e nas economias regionais altamente terciarizadas que a crise grassou profundamente. A construção civil em baixa desmoronou o duvidoso edifício do emprego urbano marginal, enquanto o permanente arrocho salarial da velha república, utilizando mecanismos inflacionários, reduzia o consumo de bens a níveis sombrios.

Nesse ponto a crise ampliou-se para o comércio e a indústria localizados em regiões periféricas a São Paulo, provocando falências e desinvestimentos crescentes. E aí naufragaram economias importantes, como a carioca e a gaúcha. As consequências de tudo isto ainda temos vivas na memória: a orgia financeira, a penalização a quem aplicasse produtivamente o capital, a incapacidade de enxergar das ondas crescentes da inflação e de instabilidade econômica.

No Nordeste então acumulava-se a isto a falta de núbens de uma seca que durou cinco anos, aguçando a crise em todos os seus aspectos. As consequências só não foram piores porque nas décadas de 1960 e 1970 outros sistemas urbano-regionais do país receberam contínuas levas de imigração nordestina, o que de certa forma democratizou uma miséria que poderia ter sido muito maior.

O limite estrutural dessas grandes migrações já estava, porém, balizado desde fins da década de 70. O Centro-Oeste do país, por exemplo, começou a apresentar saldos migratórios negativos desde 1980, perdendo população. Espantoso como essa região, pouco menor do que a Europa Ocidental, pôde assentar 10 milhões de pessoas, antes que suas estruturas congelassem com a crise nacional, obrigando a que agora se façam grandes trabalhos de desobstrução e de reforço desta que ainda é, para todos os efeitos, a região-esperança do século XXI.

Finalmente, de toda essa situação o receio é que as proporções econômicas em matéria de equilíbrio regional e de equidade social tenham submergido da crise com suas estruturas irreparáveis ou quase e que ainda mais o sejam na proporção em que a centralização econômica em S. Paulo se torne irreversível nesta nova fase de crescimento, e que a terciarização em algumas economias regionais (notadamente movidas ao fogo de palha da construção civil), falhe na solidificação de novas bases econômicas. É o caso típico da economia do Distrito Federal.

Assim, resta esperar nesta ainda auspiciosa fase do Plano Cruzado a fortificação de instrumentos de regionalização da economia, principalmente de regiões fronteiriças, inculcando novo ânimo e recursos compatíveis em órgãos que já prestaram grandes serviços na regionalização da economia, como a Sudam, a Sudeco e a Sudene.

Ou isto, ou é melhor mudar a capital do país de Brasília para São Paulo, definitivamente.